

A IMPOSSIBILIDADE PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

Aline Silva Andrade Nunes¹, Elen de Fátima Lago Barros Costa², Lícia Cristina Araújo da Hora³

1) Professora de Educação Física do Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Mestre em Educação pela UFMA e doutoranda em Educação Física pela UnB.

2) Professora do Magistério Superior do IFMA. Professora do PROFEPT/IFMA. Doutora em Educação pela UFSCAR.

3) Professora da área de Educação do IFMA. Mestre em Educação pela UFF.

Correspondência para: aline@ifma.edu.br

Submetido em 20 de novembro de 2020

Primeira decisão editorial em 02 de março de 2021.

Segunda decisão editorial em 04 de abril de 2021.

Aceito em 06 de junho de 2021

RESUMO: No segundo semestre do ano de 2019 e no ano de 2020 o mundo tem enfrentado uma pandemia que modificou, sobremaneira, as relações sociais em todas as suas dimensões. A pandemia do *Coronavirus Disease 2019* e as medidas de isolamento social alteraram as relações de produção e trouxeram modificações em distintas esferas da sociabilidade humana. É nesse contexto pandêmico e de conseqüente crise política, econômica e social que se pretende analisar, neste artigo, como a pandemia e a utilização do ensino remoto na Educação Física fere o princípio do desenvolvimento das práticas corporais como componente central para a materialização da cultura corporal. Trata-se de uma pesquisa que adotou como método de abordagem o materialismo histórico dialético e como procedimentos metodológicos a pesquisa documental e bibliográfica. Conclui-se que o ensino remoto, independentemente do componente curricular, produz a intensificação e precarização do trabalho docente, na medida em que, neste formato de ensinar, a infraestrutura é insuficiente ou inexistente; a falta de formação e experiência com as plataformas digitais e sua rápida absorção no trabalho do professor prejudica o processo educacional, acarretando sobrecarga aos sujeitos envolvidos no processo e, principalmente, na disciplina de Educação Física.

Palavras-chave: Pandemia. Ensino Remoto. Educação Física. Cultura Corporal.

LA IMPOSIBILIDAD PEDAGÓGICA DE LA EDUCACIÓN FÍSICA EN EL CONTEXTO DE LA ENSEÑANZA A DISTANCIA

RESUMEN: En la segunda mitad de 2019 y 2020, el mundo se ha enfrentado a una pandemia que ha cambiado mucho las relaciones sociales en todas sus dimensiones. La pandemia de la enfermedad del Coronavirus de 2019 y las medidas de aislamiento social han alterado las

relaciones de producción y provocado cambios en diferentes esferas de la sociabilidad de la sociabilidad humana. Y es en este contexto pandémico y la consecuente crisis política, económica y social que este artículo pretende analizar cómo la pandemia y el uso de la educación a distancia en Educación Física viola el principio del desarrollo de las prácticas corporales como componente central para la materialización de la cultura corporal. Este es una investigación que adoptó como enfoque el materialismo histórico dialéctico y la investigación documental y bibliográfica como procedimientos metodológicos. Se concluyó que la educación a distancia, independientemente del componente curricular, produce la intensificación y precariedad del trabajo docente, ya que, en este formato de enseñanza, la infraestructura es insuficiente o nula; la falta de formación y experiencia con las plataformas digitales y su rápida absorción en el trabajo del docente perjudica el proceso educativo, provocando sobrecarga a los sujetos involucrados en el proceso y, principalmente, en la disciplina de Educación Física. Palabras clave: Pandemia. Enseñanza remota. Educación Física. Cultura corporal.

THE PHYSICAL EDUCATION PEDAGOGICAL INFEASIBILITY IN THE REMOTE TEACHING CONTEXT

ABSTRACT: From the second semester of 2019 and during 2020 the whole world has been facing a pandemic that has modified, specially, the social relation in all its dimensions. The Coronavirus pandemic 2019 and social distancing measures have modified the production relations and brought modifications into human sociability. Into the pandemic circumstances and consequent political, economic and social crisis, this paper aims to analyse how the pandemic and the use of remote teaching in Physical Education neglect the principle of corporal practice development as a central component for materialisation of corporal culture. This is a research developed from the dialectical and historical materialism approach and it had been carried out by documental and bibliographic procedures. As a conclusion stands that remote teaching, regardless of curricula subject, it have produced intensification and precariousness of teacher work, as, remote teaching, the infrastructure is insufficient or non-existent; the absence of training and experience with digital platforms and its rapid absorption in the teacher's work impairs the educational process, causing overload to people involved into the process, mainly in the Physical Education discipline.

Keywords: Pandemic. Remote Teaching. Physical Education. Corporal culture.

1. INTRODUÇÃO

Na transição do ano de 2019 para 2020 o mundo foi surpreendido por uma pandemia que trouxe inúmeras transformações em distintas esferas da sociabilidade humana. O *Coronavirus Disease 2019*, popularmente chamado no Brasil de COVID 19, teve início na cidade de Wuhan, na China, trouxe transformações na economia, na política e na vida pessoal da população mundial. A propagação do vírus é de uma velocidade e letalidade assustadora.

Fontes de informações governamentais apontam no Brasil o número de 12.573.615 casos confirmados e 313.866 óbitos (BRASIL, 2021)¹.

Diante da rápida propagação do vírus, medidas de prevenção foram intensificadas para conter o aumento de casos da doença causada pela COVID-19 e uma das orientações dos órgãos sanitários foi o distanciamento social. (UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS - UFMA, 2020).

Nesse contexto de pandemia, o Brasil tem se destacado como um país cujo governo demonstra indiferença no que tange ao seu papel efetivo na política sanitária de controle. O que se tem vivido é uma *necropolítica*², que não se desconecta do aprofundamento do neoliberalismo na economia nacional. Desse modo, o Estado escolhe quem vai morrer e matar, assim como define os critérios da morte, entre eles, a raça (ALMEIDA, 2019). Asfixiados em um território de insegurança e sofrimento coletivo, somados ao crescimento do desemprego e relações de trabalho cada vez mais precárias e fragilizadas no que tange à manutenção de direitos, terreno fértil para consolidar mecanismos questionáveis de solução para este cenário desolador em todas as dimensões.

Na esfera educacional também se reflete essa lacuna no âmbito do Ministério da Educação (MEC), causando uma intensa precarização e intensificação do trabalho, nos diversos ramos do processo educativo e, mais recentemente, a *uberização* e *terceirização* crescentes que ao longo dos anos já vinha se consolidando, inclusive do ponto de vista da legislação (reforma trabalhista). Neste setor, mecanismos para “resolver” de forma imediata e improvisada um formato educacional para os tempos de distanciamento social, induziram a adoção, de forma equivocada e desorganizada, do ensino por meio de plataformas digitais.

Apesar de compreenderem-se as diferenças entre o ensino remoto e a Educação a Distância (EaD), sendo este primeiro modelo uma forma emergencial para atender as dificuldades que surgiram com a realidade do isolamento social, em que são utilizadas algumas ferramentas digitais, entende-se que este é um momento crucial para se refletir sobre a defesa da EaD, bandeira levantada por amplos setores clientelistas e privatistas da educação no Brasil.

É notório que segundo dados sobre a EaD no Brasil (ABED, 2018) no ano de 2018, o país ofereceu 16.750 cursos totalmente na modalidade à distância com uma matrícula de 9.374.647, o que representou um aumento de 56,35% se comparado ao ano de 2009. Esse modelo, portanto, vem se expandindo no ensino superior, prioritariamente nas licenciaturas, no

¹ Dados atualizados em 30 de março de 2021 (BRASIL, 2021).

² Necropolítica é um conceito desenvolvido pelo filósofo negro, historiador, teórico político e professor universitário oriundo de Camarões, Achille Mbembe. Em 2003, escreveu um ensaio questionando os limites da soberania quando o Estado escolhe quem deve viver e quem deve morrer (ALMEIDA 2019).

âmbito das políticas públicas educacionais canceladas pelos organismos internacionais, que trazem no bojo dos seus “receituários” as diretrizes do capital para educar filhos e filhas da classe trabalhadora.

Apesar da velocidade exponencial da EaD no país, não se imaginava que, em 2020, esta modalidade seria estendida para todos os níveis de ensino tão rapidamente, inclusive na educação básica, nas esferas pública e privada, apesar desta intenção ter sido anunciada em campanha eleitoral, pelo então candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro, no ano de 2018. Por meio do Decreto nº 2.117, de 06 de dezembro de 2019, o MEC já havia ampliado a possibilidade de introdução da EaD na organização pedagógica e curricular de seus cursos de graduação presenciais, até o limite de 40% da carga horária total do curso, enquanto anteriormente este percentual era de 20%.

A COVID-19 produziu uma oportunidade inesperada para fortalecer a ofensiva do capital à formação humana de docentes e da juventude, substituindo a mediação presencial no ato de ensinar. Abriu-se uma *janela de oportunidades*³ para expansão do capital educador. Um bonde que os empresários da educação tanto esperavam? O discurso humanitário sobre a necessidade de retomar o calendário escolar, perda do ingresso na Universidade, atraso das aprendizagens, da necessidade de retomar a rotina de crianças e adolescentes, da necessidade de possibilitar a juventude concluir seus cursos para ingresso no mercado de trabalho foi abusivamente utilizado para sensibilizar a sociedade, com grande aporte discursivo da mídia.

Somado a este apelo, não se pode esquecer as “orientações” dos organismos internacionais, entre eles o Banco Mundial, em relação às necessidades de transformação e renovação no ensino, nos currículos, nas formas de avaliação, da jornada letiva, das certificações, dos materiais didáticos, flexibilidade no tempo e espaço escolar, eficiência com resultados.

É importante compreender também como as difíceis condições socioeconômicas dos estudantes e docentes, a exclusão digital e tantos outros problemas decorrentes do aprofundamento da desigualdade social que antecede a pandemia, produzem a degradação da qualidade do ensino, no formato que dá ênfase à tecnologia em detrimento da figura presencial do professor.

³ Termo utilizado no título do artigo de Arthur Gomes de Souza e Olinda Evangelista publicado no blogue Contra Poder. Nesse texto, os autores chamam atenção sobre as consequências do ensino remoto para Educação Básica e Ensino Superior, uma vez que os empresários da Educação e Aparelhos Privados de Hegemonia articulados para a defesa de seus interesses, entre eles a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), cuja presidente é irmã do atual Ministro da Economia, Paulo Guedes, aguardavam esta “janela de oportunidades” no rentável mercado educacional com a experiência da EaD no Brasil para prosseguir com seu processo de expansão.

No caso da Educação Física, todas essas transformações produzem um impacto de caráter desproporcional à concepção formativa de que trata a especificidade desta área, no âmbito da cultura corporal. Além da impossibilidade pedagógica da separação teoria e prática de uma área de conhecimento, que tem como centralidade as *práticas corporais*⁴, existe o quadro pandêmico que coloca nas mãos da EaD (disfarçada de ensino remoto ou não presencial) a Educação Física sem nenhuma garantia de qualidade e comprometimento com a formação humana na dimensão cidadã, crítica e integrada.

Nesta perspectiva, este artigo pretende apresentar fundamentos para que se analisem os seguintes questionamentos: em que medida a atual conjuntura de pandemia tem afetado a natureza do trabalho docente? Quais os impactos do ensino remoto no trabalho pedagógico? Em que medida o ensino remoto traz prejuízos para a disciplina Educação Física?

No que diz respeito ao quadro de referências teórico-metodológicas, buscaram-se fundamentos no materialismo histórico dialético, por compreender que este referencial permite apreender o objeto de estudo em suas múltiplas dimensões. Compreende-se que qualquer pesquisa científica deve adotar métodos e instrumentos de investigação científicos que percebam o real para além da aparência fenomênica.

Quanto ao tipo de pesquisa, trata-se de uma pesquisa exploratória e explicativa, porque objetivou “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.” (GIL, 2002, p. 42). Quanto aos procedimentos metodológicos, adotou-se como técnicas de pesquisa a documentação indireta, através da pesquisa documental (ou fontes primárias) e bibliográfica (ou fontes secundárias). (LAKATOS; MARCONI, 2003).

O artigo foi estruturado em quatro seções: a primeira denominada “Introdução”, com o levantamento da problemática e procedimentos metodológicos; a segunda, intitulada “A formação humana e o corpo trabalhador”, retoma o debate do corpo como totalidade e suas interfaces com a formação humana; na terceira seção, “Impossibilidade pedagógica das práticas corporais no contexto do ensino remoto”, refletiu-se acerca da possibilidade real da precarização e intensificação do trabalho docente por meio deste formato e sobre as especificidades da Educação Física; e as “Considerações finais”.

⁴ Entende-se neste artigo o uso do termo *práticas corporais* como sinônimo de *atividades da cultura corporal*. Para o Coletivo de Autores (1992) os temas da cultura corporal expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade.

2. A FORMAÇÃO HUMANA E O CORPO TRABALHADOR

Há uma visão predominante sobre o corpo impregnada por uma concepção tecnicista, que reforça a visão dualista entre corpo e mente, consolidada na cultura ocidental, desde a Antiguidade clássica, sobretudo nos escritos de Platão, nos quais predomina a supremacia da educação da alma sobre a do corpo. A visão dualista também será defendida pelos princípios do Cristianismo, que concebe o homem como criatura divina, cujo cuidado da salvação da alma deve estar em primeira ordem e o aspecto da moral sobressai-se, tendo na vigilância e no controle do corpo princípios para conquista do lugar no céu.

No período renascentista, a visão sobre o corpo tem outro olhar: o corpo é visto como algo belo, os valores greco-romanos são retomados na perspectiva do humanismo, na relação homem e cultura. Esta percepção cindida sobre a formação humana é cristalizada na modernidade, com René Descartes, por meio do dualismo mente-corpo ou mecanicismo. Esta visão mecanicista trouxe consequências à compreensão ampliada do significado da formação necessária ao homem nesta sociedade, que impulsiona as crianças e aos jovens a internalizar o fetiche do corpo perfeito como consumo a ser perseguido, uma máquina.

O século XIX, sob influência das mudanças ocorridas nos séculos anteriores, principalmente com a Revolução Industrial e a chegada da maquinaria e a grande indústria, acentua a necessidade de formação humana sob a justificativa da divisão do trabalho. O corpo passa a ser visto como força de trabalho, que necessita ser disciplinado e produtivo. A partir destas concepções sobre o corpo é que se formaram as tendências pedagógicas no ensino da Educação Física, ao longo de décadas.

Marx (2012) demonstra, através do estudo da maquinaria, como o saber é empregado como força produtiva do capital. O ponto de partida da indústria moderna é a revolução instrumental do trabalho (pelo emprego da ciência e da tecnologia). Antes da fábrica mecanizada (maquinaria), a manufatura, por meio da divisão social baseada no corpo do trabalhador, deu início ao processo de subsunção real do trabalho ao capital. A maquinaria reifica o corpo do trabalhador. Para trabalhar com máquinas, o trabalhador adapta seu próprio corpo ao movimento uniforme e contínuo automático. Para Marx (2012, p. 551), a indústria moderna criou a ciência da tecnologia. E a esse respeito, ele declara:

A indústria moderna [...]. Criou a moderna ciência da tecnologia o princípio de considerar em si mesmo cada processo de produção e de decompô-lo, sem levar em conta qualquer intervenção da mão humana, em seus elementos constitutivos. As formas multifárias, aparentemente desconexas e petrificadas do processo social de produção se decompõem em aplicações da ciência conscientemente planejadas e sistematicamente especializadas segundo o efeito útil requerido. A tecnologia

descobriu as poucas formas fundamentais do movimento, em que se resolve necessariamente toda a ação produtiva do corpo humano, apesar da variedade dos instrumentos empregados, do mesmo modo que a mecânica nos faz ver, através da grande complicação da maquinaria, a contínua repetição das potências mecânicas simples (MARX, 2012, p. 551, grifos nossos).

Segundo Marx (2017), o capitalista passou a empregar a ciência e a tecnologia, conscientemente planejadas, para aumentar a eficiência no processo de extração de mais-valia relativa⁵ a base técnica da indústria moderna é revolucionária, ela reifica o corpo do trabalhador. O controle do corpo sob domínio do capital possibilita a construção do corpo trabalhador alienada de sua capacidade ontocriativa. O corpo e o trabalho são dois elementos estruturantes da existência e formação humana.

O corpo não acaba onde a consciência começa e a consciência não começa onde o corpo acaba como nos pode fazer imaginar a filosofia cartesiana. Tanto o movimento quanto a ideia participam de uma mesma estrutura e, assim, quando percebemos um objeto na medida em que nosso corpo é *tocante e tocado*, nossa consciência não se ausenta em nenhum momento de nossa percepção sensível (JUSTO, 2012, p. 132, grifos do autor).

Nos escritos econômico-filosóficos de 1844, Marx marca a historicização dos sentidos humanos e registra que a sensibilidade do olho, do ouvido, como sentidos que se distinguem dos outros animais como expressões primitivas, se dá a partir do momento em que se desenvolve a faculdade necessária à apreensão deste objeto, que não forma apenas objetos para o sujeito humano, mas um sujeito especial para os objetos, e é esta relação do sujeito com o objeto apreendido que reabilita os sentidos e promove o conhecimento artístico.

*A formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui. O sentido constringido à carência prática rude também tem apenas um sentido *tacanho*. Para o homem faminto não existe a forma humana da comida, mas somente a sua existência abstrata como alimento; poderia ela justamente existir muito bem na forma mais rudimentar, e não há como dizer em que esta atividade de se alimentar se distingue da atividade *animal* de alimentar-se. O homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum sentido para o mais belo espetáculo, o comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza peculiar do mineral (MARX, 2006, p. 110, grifos nossos).*

Reis (2004) destaca que Marx reconheceria o desenvolvimento da percepção sensível como um princípio educativo fundamental à humanização da classe trabalhadora, pois ele

⁵ O prolongamento da jornada de trabalho para além da necessidade da produção, cujo valor de horas não é paga ao trabalhador converte-se em lucro para o empresário capitalista e a intensificação do trabalho e da produção por meio do aprimoramento da tecnologia, é o que Marx denomina de mais-valor absoluto e mais valia relativa, respectivamente. Na obra O Capital I, ele conceitua: A produção do mais-valor absoluto gira apenas em torno da duração da jornada de trabalho; a produção do mais-valor relativo revoluciona inteiramente os processos técnicos do trabalho e os agrupamentos sociais. [...] Visto sob certo ângulo, toda diferença entre mais-valor absoluto e mais-valor relativo parece ilusório (MARX, 2017, p. 578-579).

reconhece no sistema de produção capitalista o processo de descorporização e espiritualização de homens e mulheres, refletindo nestes sujeitos o processo de alienação em relação ao seu próprio corpo,

Devastado pela necessidade de sobrevivência, esse corpo percebe-se limitado pela fronteira da monotonia, da repetição, em suma, anestesiado dos seus próprios sentidos, o trabalhador transforma seus ‘impulsos’ criativos em ‘instintos’ (REIS, 2004, p. 234).

A ideia força de Marx para compreensão da formação *omnilateral* passa pela formação dos sentidos. A percepção sensível é a “a base de todo o conhecimento científico” (EAGLETON, 1993, p. 148). O corpo humano, na perspectiva apresentada por Marx (2006), é visto no tocante a capacidade de desenvolvimento de todas as suas potencialidades sensíveis mediadas pela produção acumulada pela humanidade. O corpo humano e a riqueza de suas potencialidades é o que Marx denomina de formação *omnilateral*, localizada dentro das experiências práticas do ser humano, mediadas pela produção de nossa existência.

A formação de suas potencialidades sensíveis se deu, a partir da imersão do corpo que produzia materialmente sua existência, através da ação sobre a natureza. A evolução corporal do estágio primata em transição gradual por meio da postura ereta e domínio do uso de ferramentas, constituiu importante etapa de transformação do corpo primata em corpo trabalhador (REIS, 2004). É a partir desse processo de hominização, ou seja, transformação do *ser* em *ser humano* que se dá a ampliação da capacidade do desenvolvimento das potencialidades da vida sensível e diversificada do homem, como a linguagem, o aprimoramento da audição e de outros órgãos, na medida em que o cérebro também se desenvolve.

Assim sendo, considerar o corpo como totalidade mediadora de nossa existência, significa considerá-lo como sensível, ou seja, como um corpo que percebe e é percebido pelas suas capacidades sensíveis, que realiza na e pela prática a sua sensibilidade, esta que, na visão de Marx, deve ser reconhecida como um “elemento imanente ou fundador do próprio corpo” (REIS, 2004, p. 233).

3. IMPOSSIBILIDADE PEDAGÓGICA DAS PRÁTICAS CORPORAIS NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

Com as mudanças das relações de trabalho contemporâneas, numa situação específica e atual em que o ensino remoto foi adotado como estratégia pedagógica, entende-se que esta ferramenta não contempla as especificidades da Educação Física, visto que essa área de

conhecimento tem como centralidade as práticas corporais que possuem seus valores nelas mesmas e carregam métodos particulares quando empregadas como linguagem na leitura do real. O corpo, à luz da cultura corporal, é entendido como construção histórica que não se esgota nele mesmo, por ser totalidade.

A Educação Física, como componente curricular na escola, é construída historicamente a partir de processos de disputa de valores na definição de qual é seu verdadeiro papel, qual é sua identidade. Diversos papéis foram atribuídos à Educação Física na escola ao longo do tempo, como a preparação para o mundo do trabalho, a eugeniação e assepsia do corpo, treinamento de atletas, atividades terapêuticas e até como disciplinarização dos corpos.

Todas as transformações históricas da Educação Física, somadas aos pressupostos teóricos da educação ao longo da história, influenciaram (e influenciam até hoje) na dinâmica cultural que continuamente esteve articulada aos desdobramentos do modo de produção capitalista e suas crises sociais, econômicas e políticas.

As práticas corporais têm um sentido social e pessoal e desempenham um papel político-pedagógico ao propor direcionamentos que questionem a realidade sob a qual os homens e mulheres fazem parte. Nesse movimento, são criadas possibilidades de problematização nas aulas acerca dessas práticas corporais que devem ser plenamente vivenciadas com perspectivas de ampliação e aprofundamento do conhecimento, resgate histórico e contextualização dos assuntos.

Com a pandemia e o necessário isolamento social, que prevê distanciamento presencial no contexto escolar, as práticas corporais e, portanto, a cultura corporal, não pode ser plenamente materializada por meio do ensino remoto, acarretando o que, denominamos neste artigo de impossibilidade pedagógica no ensino de Educação Física, considerando o seu papel na formação do corpo concebido em sua totalidade, nas práticas intelectuais e da experiência sensível.

Cabe destacar que ainda que a tecnologia possa ser utilizada como recurso pedagógico complementar, este não é o caso do cenário brasileiro sobre ensino remoto, pois torna-se recurso principal, a exclusão digital ainda é altíssima em algumas regiões do País, especialmente em áreas rurais, onde, segundo dados do IBGE (2020), 12% dos excluídos digitais como justificativa para não acessar a rede. Na Região Norte, 13,8% das pessoas que não acessaram a *internet* apontaram a falta de serviço em sua região, enquanto na Região Sudeste esta realidade é de apenas 1,9%. O acesso à internet entre os habitantes, no ano de 2017 para 2018, passou de 69,8% da população brasileira, com 10 anos ou mais de idade, para 74,7%, o equivalente a

181,9 milhões de pessoas conectadas. Contudo, o acesso à *internet* é predominante em áreas urbanas, ficando excluídos de realização de cumprimento de atividades, do ano letivo de 2020, quase metade da população da área rural, cujo crescimento de acesso em 2017 foi 39,0% para 46,5% em 2018⁶.

Apesar do reconhecimento de que na atual conjuntura de pandemia é primordial que se mantenha o isolamento social na tentativa de não propagar o vírus, entende-se que, no que diz respeito ao ensino remoto na Educação Física, existe uma impossibilidade pedagógica no tocante ao papel formativo deste componente curricular que se alicerça na efetivação de práticas corporais, no sentido da construção de experiências como um corpo que percebe e é percebido pelas suas capacidades sensíveis, que necessitam da mediação presencial professor/aluno para se materializar.

Compreende-se que, mesmo que numa análise prematura, o ensino remoto tem acarretado mudanças substanciais na natureza do trabalho docente e do trabalho educativo⁷ desenvolvido pelos discentes, na medida em que as relações, em vários aspectos, são modificadas, ou seja: os sujeitos envolvidos nesse processo estão imersos numa realidade muitas vezes adversas, do ponto de vista da infraestrutura, ou, também tem ocorrido, que a responsabilidade em relação a essa infraestrutura é repassada para o professor desresponsabilizando o Estado; os docentes necessitam de formação adequada para acessar as plataformas digitais em um tempo não esperado e, conseqüentemente, não planejado; o discente também, em muitos casos, não tem acesso ou familiaridade com as ferramentas digitais; o tempo dispendido para as atividades síncronas e assíncronas⁸ tem acarretado, principalmente, intensificação do trabalho do professor (o professor muitas vezes é sobrecarregado pelas demandas manifestadas pelos alunos); dentre outras questões relativas ao acúmulo de horas dedicadas ao planejamento, a execução e avaliação do trabalho realizado com diferentes turmas.

⁶ O gargalo econômico se dá em duas frentes simultâneas: de um lado, a renda média do brasileiro ainda é baixa e isso significa que, a depender do valor estipulado, há um grande número de pessoas que são impossibilitadas de arcar com o custo da conexão à *Internet*. Segundo dados da União Internacional de Telecomunicações (ITU) o Brasil está na 46ª posição de uma lista de 165 países quanto ao custo de acesso à *Internet* Banda Larga, sendo o 1º colocado o país com preço mais baixo (SILVA, 2015, p. 166).

⁷ Para a pedagogia histórico crítica o trabalho educativo pauta-se na concepção de que o homem se humaniza através da educação e do trabalho. O trabalho educativo se materializa quando cada indivíduo como ser singular se apropria do conhecimento e dos bens culturais produzidos historicamente pela humanidade, e através destes conhecimentos ressignifica o seu cotidiano num processo dialético de objetivação e apropriação.

⁸ São consideradas atividades síncronas todas aquelas em que há uma mediação *online* do docente, ou seja, são atividades em que o docente transmite o conteúdo em uma determinada plataforma digital com a presença dos alunos. Já as atividades assíncronas são aquelas em que o professor disponibiliza material para estudo, assim como, atividades a serem respondidas na plataforma digital pelos os discentes.

Nesse sentido, a natureza do ensino remoto requer uma análise para além da cotidianidade. Isso refere-se ao fato de que este paradigma emergencial de ensino está inserido na própria mudança no processo produtivo, que já acontecia antes mesmo da pandemia, em que as relações de trabalho flexibilizadas fragilizam o trabalhador do ponto de vista dos seus direitos e necessidades. A exigência de novos formatos nas relações de produção, que tem como exemplo principal o trabalho precarizado e intensificado através do *home office* - e suas várias manifestações ou tendências como o trabalho remoto, trabalho *uberizado*, teletrabalho - é uma realidade mundial e que tem trazido inúmeras consequências para a classe trabalhadora.

De acordo com Antunes (2020), essas transformações das relações do trabalho são o sonho dourado do capital que, dentre outras formas, são caracterizadas pelo trabalho informal, a flexibilidade, a intermitência e um alto desenvolvimento tecnológico que comanda o seu movimento, transformando uma grande massa de trabalhadores em prestadores de serviços sem nenhum ou quase nenhum direito. A partir dessa realidade, produz-se uma nova categoria, denominada pelo autor de *infoproletariado* ou que a socióloga inglesa, Úrsula Huws (2003), denomina de *cybertariado*. Nesse sentido, concorda-se com a afirmação de Antunes (2018) de que o trabalho remoto pode ser considerado a porta de entrada para o “privilégio da servidão”⁹.

Quanto mais o sistema capitalista se expande, mais a face perversa da exploração do trabalho ganha novas configurações. A interface dessas relações cada vez mais opressoras com as múltiplas práticas corporais, enquanto centralidade da disciplina Educação Física, reforçam a perspectiva da cultura corporal que se preocupa fundamentalmente com o ser humano e suas condições de submissão e alienação desencadeadas por este modo de produção. A Educação Física que se pretende alcançar visa refletir sobre o valor das práticas corporais, configurando uma Educação Física que verdadeiramente

[...] contribui para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre os valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos – a emancipação -, negando a dominação e submissão do homem pelo homem (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 40).

É imprescindível atentar-se para que este paradigma emergencial de ensino não fomente a defesa do ensino assíncrono em detrimento da presencialidade, nas relações que só podem ser materializadas no espaço da escola. Apesar das tecnologias digitais constituírem ferramentas

⁹ Antunes (2018) utiliza esse termo para explicitar que, no capitalismo contemporâneo dotado de uma lógica destrutiva ampliada, se amplia enormemente o conjunto de seres sociais que vivem da venda de sua força de trabalho e que essa nova morfologia do trabalho tende mais escravizar que libertar.

importantes para o atual momento, é preciso analisar com criticidade as alternativas adotadas, compreendendo que elas não dão conta de atender às reais necessidades de desenvolvimento humano *omnilateral* de estudantes e professores. É necessário, portanto, expurgar, analisar e criticar qualquer ideologia conservadora defendida por setores clientelistas, particulares e privatistas de defesa exaustiva da EaD ou do ensino remoto como alternativa pós-pandemia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como principais objetivos refletir os impactos da pandemia na natureza do trabalho docente e do ensino remoto no trabalho pedagógico e, de forma mais específica, na disciplina Educação Física.

Concluiu-se que o ensino remoto, independentemente do componente curricular, produz a intensificação e precarização do trabalho docente, na medida em que nesta forma de ensinar a infraestrutura é insuficiente, sendo quase sempre disponibilizada pelo docente, e no caso do discente a disponibilidade destes recursos é na maioria dos casos inexistente; a falta de formação e experiência com as plataformas digitais e sua rápida absorção no trabalho do professor prejudica o processo educacional; a transformação do “tempo de trabalho na escola” em “tempo escolar em *home office*” não foi devidamente planejada, acarretando sobrecarga aos sujeitos envolvidos no processo e, principalmente, na disciplina Educação Física.

Com relação à natureza do trabalho docente no contexto da pandemia, constatou-se que o ensino remoto muda, sobremaneira, a natureza do trabalho do professor, ocasionando desgastes físicos e emocionais, visto que os docentes tiveram que adaptar seu cotidiano às necessidades da escola e buscar num tempo exíguo uma formação para trabalhar com as ferramentas digitais. O tempo destinado ao ensino remoto e/ou *home office* não condiz com o tempo escola.

No que diz respeito aos impactos do ensino remoto no trabalho pedagógico e formação humana, identificou-se um apelo por meio de um discurso humanitário que busca sensibilizar a sociedade sobre a importância do ensino remoto, a relevância do uso nas tecnologias digitais desde a educação infantil até o ensino superior, mas que por trás revela forte intencionalidade dos aparelhos privados de hegemonia, dos empresários, os monopólios e oligopólios do mercado educacional de expandir formas híbridas de ensino (EaD) visando à rentabilidade com estas mudanças. A natureza do trabalho docente, as relações pedagógicas entre educador e educando, a valorização do ato de ensinar, a valorização do trabalho docente e de sua formação, todos estes elementos imprescindíveis para o alcance de uma formação do ser social crítica,

engajada com a vida e natureza, cidadã, autônoma e emancipada ficam comprometidas diante das estratégias muito bem articuladas para ataque ao ensino público e sua importância histórica em um país marcado por profundas desigualdades sociais.

Não foi objeto deste estudo mensurar a relevância das tecnologias para a educação, tampouco minimizar a importância do isolamento social devido à COVID-19.

As áreas de conhecimento curriculares são afetadas pelo ensino remoto de modo generalizado, mas não de igual maneira. Para a Educação Física, o formato do ensino remoto compromete de forma ainda mais visível o trabalho pedagógico. Os experimentalismos remotos adotados como alternativas para manutenção das atividades pedagógicas culminaram em um efeito inverso denominado neste estudo de impossibilidade pedagógica, pois a Educação Física, como área de conhecimento que contempla o patrimônio da cultura corporal, tem como elemento central do seu componente curricular as práticas corporais e, portanto, não pode ser efetivamente materializada por meio do ensino remoto.

Defende-se a urgência de uma política educacional que verdadeiramente oriente e se comprometa com um processo educacional, sem prejuízos para as diferentes frações de classes sociais, sobretudo as mais pobres, tendo em vista que estes são atingidos de forma ainda mais perversa pela desigualdade social e exclusão tecnológica.

Ressalta-se a importância da mediação docente como inerente ao princípio educativo, com relação professor/aluno que se diferencia do ensino remoto, bem como a educação como processo de formação humana mais amplo e sensível, no qual corpo e mente sejam vistos como parte de uma educação integrada, como totalidade.

REFERÊNCIAS

- ABED. Censo EAD BR: Censo analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2018. Curitiba: intersaberes, 2018. Disponível em: http://abed.org.br/arquivos/CENSO_DIGITAL_EAD_2018_PORTUGUES.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. ed., São Paulo: Boitempo, 2018.
- _____. Trabalho remoto e a precarização do ensino. **Youtube**. 28 de maio de 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus Brasil**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Editora Unesp, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hoc-XwKQ7kg&feature=youtu.be>.

Acesso em: 26 ago. 20.

HUWS, Úrsula. **The Making of a Cybertariat: virtual work in a real world**. Nova York: Monthly Review Press; Londres: The Merlin Press, 2003.

IANNI, Octávio. A construção da categoria. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 397-416, abr.2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639917/7480>. Acesso em: 26 ago. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101705>.

IBGE, 2020.

JUSTO, Sandro de Mello. Cultura corporal e consciência de classe: o “coletivo” na construção de uma perspectiva marxista de educação física escolar. **Dissertação** (Mestrado) do PPGE, Universidade Federal Fluminense, ano 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARX, Karl. **Manuscritos Economia y Filosofia**. Madri: Editorial Alianza, 11º Ed., 1985.

_____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **O Capital: crítica a economia política**. Livro I. Tradução de Rubens Enderle. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

REIS, Ronaldo Rosas. Trabalho e conhecimento estético. **Trabalho, Educação e Saúde**, Niterói, v. 02, n. 02, p.227-250, 2004.

SILVA, Silvano Pereira. Políticas de acesso à Internet no Brasil: indicadores, características e obstáculos. **Cadernos Adenauer**, XVI, 2015, n. 03. Disponível em: http://ctpol.unb.br/wp-content/uploads/2019/04/2015_SILVA_Acesso-Internet.pdf. Acesso em: 13 mar. 2021.

SOUZA, Arthur Gomes, EVANGELISTA Olinda. Pandemia! Janela de oportunidade para o capital educador. In: **Blogue Contra Poder**. Disponível em: <https://contrapoder.net/colunas/pandemia-janela-de-oportunidade-para-o-capital-educador/>.

Acesso em: 15 jun. 2020.

NUNES, COSTA & DA HORA; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.17, n.1, p; 291-305, 2021

UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS - UFMA. Estratégias de prevenção e controle da COVID-19. In: UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS - UFMA. **Curso o novo coronavírus e a COVID-19**. São Luís: Junho, 2020.